

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
ARTES VISUAIS BACHARELADO

LUIZ GUSTAVO CANDIDO DE ANDRADE

**O JOGO DAS SOMBRAS: A MELANCOLIA E O DESVANECER**

GOIÂNIA  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES  
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO  
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): LUIZ GUSTAVO CANDIDO DE ANDRADE

Título do trabalho: O JODO DAS SOMBRAS: A MELANCOLIA E O DESVANESCER

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior, em 22/02/2023, às 22:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Luiz Gustavo Candido De Andrade, Discente, em 23/02/2023, às 20:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 3541212 e o código CRC E3224E0D.

LUIZ GUSTAVO CÂNDIDO DE ANDRADE

**O JOGO DAS SOMBRAS: A MELANCOLIA E O DESVANECER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso Artes Visuais Bacharelado, da  
Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal  
de Goiás como requisito parcial para a obtenção de  
título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria Berardo

GOIÂNIA  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Andrade, Luiz Gustavo Candido de  
O jogo das sombras [manuscrito] : a melancolia e o desvanecer /  
Luiz Gustavo Candido de Andrade. - 2023.  
LVII, 57 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Rosa Maria Berardo.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,  
Goiânia, 2023.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Fotografia. 2. Artes Visuais. 3. Melancolia. 4. Desvanecer. I.  
Berardo, Rosa Maria, orient. II. Título.

CDU 7

Na qualidade de titular dos direitos de autor, eu, Luiz Gustavo Candido de Andrade, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar gratuitamente a versão final deste Trabalho de Conclusão de Curso para fins de consulta, leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção artística e científica brasileira, a partir de 15 de fevereiro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 15 do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**O JOGO DAS SOMBRAS: A MELANCOLIA E O DESVANECER**”, de autoria de **Luiz Gustavo Candido de Andrade**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Berardo FAV.UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1- Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva, FAV.UFG; membro 2 - Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza, FAV/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 10,0**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

---

Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria Berardo, Professor do Magistério Superior**, em 22/02/2023, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

A autenticidade deste documento pode ser conferido no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0) , informando o código verificador **3464276** e o código **CRC F95D0946**.

## **AGRADECIMENTOS**

Apesar de todo o meu esforço e estudo, este trabalho representa também o esforço de diversas outras pessoas que estiveram me apoiando por vários anos, portanto agradeço imensamente a todos que me ajudaram a concluir esse objetivo.

Primeiramente, agradeço a minha família, a minha mãe Luciana, meu tio Luiz Júnior e meus avós, Luiz e Conceição, por me proporcionarem a oportunidade de poder fazer uma graduação em outra cidade, pelo suporte ao longo dos anos e pelo grande apoio.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte do meu processo de graduação. A minha orientadora Profa. Dra. Rosa Maria Berardo, pela liberdade, confiança e paciência durante o desenvolvimento do trabalho. E ao Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza por todas as indicações de livros e ajuda ao longo do processo.

Aos meus grandes amigos, Nicco, Marcela e Aline, que estiveram presentes ao meu lado por vários anos, sempre proporcionando o maior suporte possível e aguentando as minhas fases melancólicas. Agradeço também ao Felipe, o melhor amigo que a graduação poderia proporcionar, formando comigo uma dupla imbatível. E por fim, a Elyn por todo apoio, ajuda, carinho, paciência e dedicação neste último ano e por salvar o meu trabalho nos momentos finais.

Let everything happen to you.  
Beauty and terror.  
Just keep going.  
No feeling is final.

Rainer Maria Rilke

## RESUMO

Este é um trabalho em prática artística que busca estabelecer uma relação entre os meus trabalhos desenvolvidos ao longo da graduação em Artes Visuais (Bacharelado) e o estado de melancolia. Tem como objetivo compreender a melancolia e seu desenvolvimento ao longo dos séculos, investigando seus primeiros indícios na humanidade até a psicanálise. Durante a investigação percebi que frequentemente a melancolia atravessava o meu fazer artístico, sendo possível criar uma conexão entre eles.

Palavras-chave: Fotografia. Artes Visuais. Melancolia. Desvanecer.

## **ABSTRACT**

This is a work in artistic practice that seeks to establish a relationship between my works started throughout college in Visual Arts (Bachelor) and the state of melancholy. It aims to understand melancholy and its development over the centuries, investigating its first expressions in humanity until psychoanalysis. During the investigation I realized that melancholy often crossed my artistic work, making it possible to create a connection between them.

Keywords: Photography. Visual Arts. Melancholy. Fade Away.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Albrecht Durer. <i>Melancolia I</i> . 1514.	19
Imagem 2 - Luiz Andrade. Sem título. 2019.	25
Imagem 3 - Luiz Andrade. Sem título. 2020.	27
Imagem 4 - Luiz Andrade. Sem título. 2019.	31
Imagem 5 - Marina Abramovic. <i>Rhythm</i> . 1973.	33
Imagem 6 - Luiz Andrade. Sem título. 2019.	34
Imagem 7 - Grupo EmpreZa. <i>Antropofagia</i> . 2015..	35
Imagem 8 - Luiz Andrade. Sem título. 2021.	35
Imagem 9 - Luiz Andrade. Sem título. 2019.	38
Imagem 10 - Luiz Andrade. Sem título. 2020.	40
Imagem 11 - Francesca Woodman. Sem título. 1978.	42
Imagem 12 - Luiz Andrade. Sem título. 2020.	43
Imagem 13 - David Lowery. <i>A Ghost Story</i> . 2017.	44
Imagem 14 - Inio Asano. <i>Oyasumi Punpun</i> . 2007-2013	45
Imagem 15 - Luiz Andrade. <i>O jogo das sombras</i> . 2021.	46
Imagem 16 - Luiz Andrade. <i>Desvanecer I</i> . 2022.	48
Imagem 17 - Luiz Andrade. <i>Desvanecer II</i> . 2022.	49
Imagem 18 - Luiz Andrade. <i>Desvanecer III</i> . 2022.	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. A MELANCOLIA</b>	<b>15</b>
1.1. Mau espírito, doença, inspiração	16
1.2. Patologia melancólica	20
<b>2. APNEIA PROCESSUAL</b>	<b>22</b>
2.1. Estar para não pertencer	23
2.2. Ser para se odiar	28
<b>3. DESVANECER</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Para a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, irei investigar a minha prática artística no curso de Artes Visuais - Bacharelado desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, produção esta que consiste principalmente em fotografia e atravessa os caminhos da performance. Apresento diversas séries fotográficas que perpassam meus sentimentos, conflitos, angústias, devaneios e questões subjetivas, no entanto, o foco será exclusivamente para o estado de melancolia, assunto que despertou meu interesse desde os primeiros debates na faculdade, pois me considero uma pessoa melancólica, estado que me acompanhou por boa parte da minha vida. Portanto, através do meu trabalho busco compreender quais as características da melancolia e como foi constituída ao longo dos anos, e como o estado se manifesta em minhas produções artísticas, desde o conceito, processo de criação e resultado final.

Inicialmente o meu trabalho teria como três (3) focos principais, a melancolia, o narcisismo e o não pertencimento, os quais foram abordados brevemente no pré-projeto, no entanto, durante o processo de escrita e análise da minha produção artística, observei que o narcisismo e o não pertencimento, por mais que sejam importantes, não são temas que atravessam profundamente o meu ser e o meu trabalho artístico, portanto optei por reduzir o escopo da pesquisa e me aprofundar na melancolia e suas relações. Além disso, considerando a pesquisa como um trabalho em desenvolvimento por um ano, muito podia mudar nesse período e foi exatamente o que aconteceu, o ato de desvanecer se tornou algo muito importante para mim, influenciando os meus trabalhos e aparecendo de forma bem notável nos meus últimos ensaios fotográficos, portanto, o qual será abordado ao longo do trabalho.

Sendo assim, o trabalho final será constituído de cinco (5) capítulos, Introdução, Melancolia, Apneia Processual, Desvanecer e Referências. O primeiro capítulo será exclusivamente voltado a teoria, será necessário criar uma linha cronológica para entendermos o desenvolvimento da melancolia, suas características principais ao longo dos anos e seus fundamentos na psicanálise, só assim será possível relacionar a melancolia à minha prática artística.

A partir de então, no segundo capítulo, Apneia Processual, adentro o meu Eu, abordando os meus sentimentos e sensações, sendo um capítulo voltado para o

uso da linguagem em primeira pessoa. Além disso, relaciono as características melancólicas aos meus ensaios fotográficos desenvolvidos durante o período da minha graduação, entre os anos de 2019 a 2021.

O terceiro capítulo, chamado "Desvanecer", continuará abordando a minha produção artística, no entanto, referente aos anos de 2021 e 2022, onde a minha produção artística passa a explorar a fotografia através do uso da longa exposição.

## 1. A MELANCOLIA

Para abordar a minha produção artística, é necessário compreender o que é a melancolia e como foi o seu desenvolvimento, portanto é fundamental criar uma linha a fim de compreender quais são as causas e as características do estado melancólico, para então entender como isso afeta o meu ser e conseqüentemente o meu trabalho artístico. Portanto esse capítulo será dedicado a entender o desenvolvimento da melancolia ao desenrolar da história até a psicanálise, onde irei me aprofundar nos conceitos da obra de Sigmund Freud, os quais serviram de aporte para os capítulos subsequentes.

Para compreender a melancolia e traçar uma linha cronológica, são necessárias diversas referências textuais de vários momentos da história, atravessando diversos livros que abordam diretamente o tema ou dissertações, artigos, escritos, entre outros, que citam leituras de séculos passados.

Utilizo da teoria dos humores de Hipócrates e posteriormente da tese atribuída a Aristóteles (384-322 a.C.), *Problema XXX*, onde o filósofo discorre sobre a relação entre o homem de gênio e a melancolia, para entender os primeiros passos e pensamentos sobre a melancolia.

Além desses estudos, referência essencial para o estudo da melancolia é a obra *A anatomia da melancolia* de Robert Burton, originalmente publicado em 1962, sendo republicado diversas vezes nos anos subsequentes com várias expansões e mudanças. Sua primeira versão já possuía mais de 1500 páginas, e foi precedido do Tratado da melancolia (1586) de Timothy Bright. A obra de Burton é um estudo filosófico, médico e histórico sobre a melancolia e estados depressivos, sendo apresentado como um manual médico, utiliza a melancolia como uma lente, onde as emoções humanas podem ser analisadas, o autor descreve e classifica diferentes tipos de melancolia e suas possíveis curas. O trabalho científico de Burton reúne quase toda uma biblioteca do século XVII, sendo enciclopédico como referência e se tornando um clássico na língua inglesa.

Outro livro importante para o desenvolvimento do trabalho é a obra *Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*, de Moacyr Scliar. O autor possui uma relação entre literatura e medicina, discutindo sobre temas que envolvem a filosofia, antropologia, artes, medicina e psicologia. No trabalho lançado em 2003, Scliar desenvolve historicamente a ideia de melancolia desde a

antiguidade, transitando os caminhos do estado melancólico entre religião, filosofia e medicina, passando por Hipócrates (460-35 a.C), idade Média, Renascimento e por fim, contextualizando na Modernidade.

Além de Scliar, autores como Sigmund Freud e Walter Benjamin serviram de base para discutir a melancolia na modernidade, as obras de Benjamin são marcadas pelo pessimismo, a experiência da perda e a melancolia, sendo frequentemente objetos de análise, portanto seus trabalhos compõem um acervo importante para o desenvolvimento do trabalho. Por fim, diversas dissertações e teses contemporâneas agregam ao entendimento da melancolia.

### **1.1. Mau espírito, doença, inspiração**

A curiosidade em compreender e desvendar os sintomas e manifestações da melancolia fez com que houvesse produções artísticas, científicas e filosóficas desde os tempos mais antigos. Porém, mesmo a melancolia sendo um tema em evidência durante vários séculos, abordá-la cronologicamente, é uma tarefa complexa, não só por sua história secular, mas também pela melancolia possuir definições únicas, próprias de cada tempo e que dependem de diversos fatores de âmbito histórico.

Em *Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil* (2003, p. 63-68) livro de Moacyr Scliar, podemos notar um personagem melancólico na *Bíblia*, o primeiro rei de Israel, Saul, ou seja, um dos primeiros livros a apresentar tal estado. Os ancestrais acreditam que um “mau espírito” enviado por Deus se alojou no corpo do monarca que padeceu em melancolia. O espírito do regente melhora no momento em que Davi toca uma música na cítara, já relacionando a música como uma possível cura para a melancolia. A ameaça dos filisteus e a imaturidade de Saul culminaram no fracasso do seu reinado, o sucesso de Davi em combate e apoio do povo, gerou ciúmes do governante, sendo obrigado a fugir. Por fim, Saul se mata com sua própria lança ao ver seu filho ser morto pelos filisteus.

Na Grécia antiga já existiam registros sobre a melancolia, para os gregos, a melancolia era um problema físico de saúde, não psicológico, aproximando mais de um mau hábito, uma doença crônica e contínua (BURTON, 2013, t.II, p.64). Segundo a teoria dos humores, de Hipócrates(séc. V a.C.), primeiro médico cujas anotações foram conservadas, o corpo possui quatro humores, quando são produzidos na

quantidade correta pelos seus determinados órgãos, o corpo estará em equilíbrio. No entanto, caso o corpo produza um dos humores em maior ou quantidade, haverá desequilíbrio, conseqüentemente, uma doença.

A teoria dos humores de Hipócrates se desenvolveu através do médico Cláudio Galeno (séc. II d.C), o qual em sua monografia distinguiu novos temperamentos, quatro temperamentos primários referentes às quatro qualidades descritas por Hipócrates, quatro secundários, derivados do pareamento entre as qualidades e um temperamento da mistura das quatro qualidades. Na teoria de Hipócrates, seus humores possuem os seguintes simbolismo: sangue, fleuma, bile amarela e a bile negra.

A partir dessa perspectiva, para Galeno, os quatro temperamentos estabelecidos foram: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. Os indivíduos tristes e melancólicos são resultado do excesso de secreção pela bile negra que se acumulava no baço. Através disso, podemos entender a origem da palavra melancolia, que deriva do grego *mélaina* (bile) *kholé* (negra), resultando em *melankholia* (Ibid, 2013, p.65 apud CORREIA, 2016, p.6).

Retornando à Antiguidade, Aristóteles em *Problema XXX, 1*, apresenta formulações sobre o estado de melancolia, segundo ele, a melancolia, causada pelo acumulado da bile negra era uma doença que açoitava principalmente os gênios, homens de performance excepcionais. Para o filósofo, estes são mais vulneráveis e suscetíveis aos efeitos da bile negra e quando a bile negra é mais acentuada, o homem se torna um gênio

Se o estado da mistura é completamente concentrado, eles são melancólicos ao mais alto nível; mas se a concentração é um pouco atenuada, eis os seres de exceção. (ARISTÓTELES, O problema XXX, 1, p.99).

Aristóteles, de certa forma relaciona o talento à doença. Tais gênios possuem uma propensão a atividades artísticas, políticas e filosóficas. Para os gregos, a inspiração e inclinação à criação partia dos deuses, mas para Aristóteles, o excesso de bile negra fria, acabava produzindo um desespero ou medo, mas ao passar para um estado de superaquecimento, resultava em um estado de tranquilidade e ao mesmo tempo, loucura, portanto, Aristóteles acaba relacionando a melancolia, a loucura e a genialidade.

Tal teoria da bile negra persistiu por diversos séculos, no entanto na Idade Média, surgiu um novo termo para a melancolia, *acedia*, palavra grega derivada do

*akedia*, significando indiferença. A *acedia* era atribuída a um espírito maligno, este que afetava principalmente os solitários. O cristianismo transforma a tristeza em pecado, segundo Julia Kristeva (1989, p.15), em *A divina comédia* de Dante, os melancólicos foram uma “seita de facos, importunos ante Deus e seus inimigos”. No entanto, a busca pela solidão e o cultivo da tristeza era aceitável para os monges, que se auto exilavam em busca de uma grande prova de fé.

Ainda na Idade Média, no oriente, no século IX, através de autores árabes, principalmente Abû Mar sar, a melancolia foi relacionada à astrologia. Segundo Scliar (2003, p. 73-4), os humores sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico receberam um correspondente planetário, sendo eles: Júpiter, Marte, Vênus e Saturno, respectivamente. Sendo assim, o planeta Saturno influenciava o melancólico, o qual possui uma revolução lenta, logo os nascidos sob seu signo eram pesados e lentos. Além disso, Saturno governa o baço no corpo humano, o qual é responsável pela secreção da bile negra. Assim surge o termo “soturno” para referir-se a uma pessoa melancólica.

Ao longo da Idade Moderna, a melancolia passa a constituir o inventário das Artes Plásticas, os artistas deixam de se dedicar somente à produção de ilustrações religiosas e passam a utilizar de conceitos, metáforas e ideias em suas obras. As obras artísticas passam a ter significados profundos, com isso, a melancolia deixa de ser vista como uma doença e passa a ser representada por diversos símbolos. Um exemplo de obra é a famosa gravura de Albrecht Dürer (1471 - 1528), *Melancolia I* (1514), carregada de metáforas e simbolismos, uma descrita por Walter Benjamin (1984, p. 171) é o mar no canto superior direito, ao fundo da obra, o qual representa a propensão por longas viagens do sujeito melancólico, seu auto exílio .

Além disso, no lado esquerdo observamos a figura de um cachorro, o qual segundo a tradição, são animais governados pelo baço, ou seja, o órgão responsável pela secreção da bile negra. Outra figura que se destaca na obra é a pedra, segundo Walter Benjamin (1984, p. 178), é um elemento que se refere a *acedia*, por ser frio e estático. Além disso, existem objetos espalhados pelo chão, como se não tivessem serventia e todo o quadro apresenta um silêncio e falta de atividade, o cachorro está parado, o mar estático, até mesmo a areia na ampulheta aparenta a falta de atividade, como se o tempo estivesse parado.



(1794 - 1870) e Psicose maníaco-depressiva por Kraepelin (1856 - 1926).” (AMARAL; MICHAELSEN; CARLESSO; 2019, p.11).

## 1.2. Patología melancólica

Sigmund Freud (1856-1939), neurologista e psiquiatra, dedicou sua vida a conhecer e compreender os mistérios da mente, fundador da psicanálise, foi um dos maiores autores a escrever sobre o funcionamento melancólico. Em 1917, lançou seu notável estudo *Luto e Melancolia*, onde investiga os detalhes semelhantes e as diferenças entre os dois estados, definindo o segundo como uma forma patológica do primeiro. Freud trabalha a melancolia em contrapeso ao luto, para o psicanalista o luto é mais cotidiano, enquanto a melancolia é mais complexa e enigmática. Vale ressaltar que ambos os estados ocorrem através de um evento traumático, sendo alguma perda em nossas vidas, não exatamente a morte de alguém, podendo ser a perda de um emprego, liberdade, relacionamento, o ideal de alguém, etc, ou seja, a perda de um objeto, em algumas pessoas tal evento se transforma em luto, no entanto em outras culminam no surgimento do estado melancólico. Portanto Freud suspeita de uma inclinação patológica em determinadas pessoas que as impulsiona para a melancolia, enquanto o luto não chega ao ponto de ser necessário tratamento médico, portanto, não pode ser considerado como uma condição patológica, além disso, o luto é considerado como o período de elaboração da perda de um objeto de amor, seus sintomas são passageiros, enquanto o estado melancólico não.

Segundo Freud, a melancolia possui as seguintes características:

[...] um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até à expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, p.209)

Tais sintomas também estão presentes no luto, exceto a perturbação da autoestima, essa diferença entre luto e melancolia é causada pelo fato de que no luto, a pessoa enlutada sabe o que ela perdeu, ela tem noção de que o seu objeto de amor não existe mais, no entanto, na melancolia, a pessoa não sabe qual objeto amado ela perdeu ou até mesmo, ela sabe identificar o que perdeu, mas não o que perdeu no objeto de amor. O melancólico por não conseguir identificar o que perdeu,

entra em um estado grave de culpa e negação da perda, “o eu se identifica com o objeto perdido, a ponto de ele mesmo se perder no desespero infinito de um nada irremediável” (Roudinesco; Plon, 1998, p.507).

Além da culpa e negação, o melancólico passa a odiar a si mesmo, para entendermos isso, precisamos passar pelos conceitos de *Ambivalência* e *Identificação* de Freud. Segundo o psicanalista, a perda de um objeto amoroso abre caminhos e oportunidades para que a ambivalência se torne efetiva e se manifesta, na ambivalência, as relações amorosas são caracterizadas pela existência do amor e do ódio, quando perdemos o objeto de amor, podemos passar a odiar esse objeto. Já na Identificação, caso uma pessoa se identifique com um objeto e o perca, existe a chance de passar a odiá-lo, no entanto, pelo fato de se identificar e se enxergar no objeto, conseqüentemente, odiará a si mesmo. Portanto, o melancólico ao amar um objeto e o perder, e se identificar com o objeto e o perder, acabará odiando a si mesmo.

O melancólico para Freud vive um ciclo vicioso, onde o seu próprio Eu se torna dois, o que odeia e o que é odiado. Ao se auto recriminar ou se auto insultar, existem o Eu julgador e o Eu julgado, o julgador possui uma satisfação sádica sobre o objeto odiado, ou seja, o outro Eu, portanto segundo Freud, o melancólico vive em um automartírio satisfatório, vingando-se do objeto por meio de uma autopunição.

Para Freud, além do sentimento de perda, diminuição de sua autoestima, o próprio ego é desvalorizado, “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio Eu.” (FREUD, 1917, 251).

## 2. APNEIA PROCESSUAL

O primeiro capítulo foi dedicado exclusivamente para desenvolvermos o pensamento a respeito da melancolia, podemos perceber que a melancolia não possui uma definição estática e simples, mas sim se apresenta em diversas características, estas que irão aparecer no meu trabalho artístico, muitas vezes sendo os motivadores para os conceitos das produções.

Já o presente capítulo será dedicado a revisar minhas memórias e trabalhos desenvolvidos durante o período da minha graduação em Artes Visuais, entre os anos de 2019 e 2022, utilizo o termo “apneia processual”, sendo a apneia uma atividade física do mergulho,

A atividade de mergulho livre em apneia consiste basicamente do indivíduo encher os pulmões com o ar ambiente (inspiração profunda) na fase pré-mergulho ainda na superfície d'água, prender a respiração (apneia) e imergir totalmente o corpo na água. Após atingir o ponto de ruptura da apneia, o mergulhador submerge e atinge a superfície para realizar uma nova inspiração. (TORRES, 2004, p. 04)

Este capítulo será como um exercício de apneia, respirar fundo, prender a respiração, imergir totalmente o corpo no oceano de memórias, lembranças e processos, por fim, voltar à superfície, processo que será realizado várias e várias vezes.

Além disso, passará a ser em primeira pessoa e a ter um caráter mais subjetivo, pois irei adentrar em memórias e vivências de quando era criança, experiências pessoais ao longo da vida, estas que influenciam o meu ser e conseqüentemente os meus trabalhos artísticos.

Desde muito novo, me sinto como um eremita, transitando por diversos lugares, pessoas, sentimentos, porém nunca conseguindo criar laços profundos e significativos, que despertasse uma vontade de permanecer, além disso, sempre tive um olhar voltado para mim mesmo muito forte, sempre buscando algo, algum sentimento, relacionamento, memória, etc, algo que não sabia muito bem o que era. Ao analisar tais comportamentos e sentimentos, percebo que sempre fui um melancólico, o estado de eremita com atitudes de auto exílio e a busca por um objeto perdido são características muito fortes da melancolia. Tais sentimentos me acompanharam por muitos anos, adolescência, e fase adulta, em minha primeira graduação, em Sistemas de Informação na UFG, a qual não cheguei a concluir por

me sentir totalmente desconexo, assim transferi para o curso de Artes Visuais - Bacharelado, pois buscava expressar meus sentimentos, algo um tanto quanto ligado a melancolia aristotélica, onde os melancólicos possuem uma propensão às artes.

No entanto, os sentimentos de não pertencimento ainda me acompanhavam, principalmente ao percorrer linguagens artísticas como desenho, tridimensional ou pintura, sendo o primeiro período um tanto quanto difícil, me fazendo questionar se a mudança de curso teria sido uma boa decisão. Apesar disso, segui em frente e nos períodos subsequentes, tive contato com a fotografia, linguagem que me atraiu profundamente e com referências da história da arte que me atravessaram, estas marcadas pela solidão, tristeza e melancolia. A partir de então, passei a experimentar e a desenvolver séries fotográficas, estas que serão abordadas a seguir, não exatamente em ordem cronológica, mas por temáticas relacionadas.

## 2.1. Estar para não pertencer

*A cidade no mar - Edgar Allan Poe*

Olhai! a Morte edificou seu trono  
 numa estranha cidade solitária  
 por entre as sombras do longínquo oeste.  
 Lá, os bons, os maus, os piores e os melhores,  
 foram todos buscar repouso eterno.  
 Seus monumentos, catedrais e torres  
 (torres que o tempo rói e não vacilam!)  
 em nada se parecem com os humanos.  
 E em volta, pelos ventos olvidadas,  
 olhando o firmamento, silenciosas e calmas, dormem águas melancólicas

Ah! luz nenhuma caci do céu sagrado  
 sobre a cidade, em sua imensa noite.  
 Mas um clarão que vem do oceano lívido  
 invade dos torreões, silentemente,  
 e sobe, iluminando capitéis,  
 pórticos régios, cúpulas e cimos,  
 templos e babilônicas muralhas;  
 sobe aos arcos templos magníficos, sem conta,

onde os frios se enroscam e entretecem  
de vinhedos, violetas, sempre-vivas.

Início este capítulo com um poema de Allan Poe, não só por ser um autor que chamou a minha atenção e interesse desde a adolescência, mas também por suas composições possuírem elementos melancólicos, “Parte da composição poética de Poe [...] enfatiza elementos relacionados à melancolia, como se ela fosse um aspecto deveras importante para a compreensão de uma face de seus lirismos...” (Poesia da dor...). O poema em si contém diversas imagens que fazem a alusão a melancolia, como: “morte”, “solitária”, “silenciosas”, “águas melancólicas”, além disso, o poema apresenta diversas metáforas, como a morte, não apenas as pessoas, mas também a cidade está. Destaca-se a utilização de metáforas pelos melancólicos, segundo Correia:

A metáfora é usada pelo sujeito melancólico para conseguir comunicar-se com o mundo exterior a respeito de situações que seriam muito abstratas (difíceis de se explicar), se ele não se valesse dessa forma de linguagem. Através da metáfora, o melancólico desnuda e revela aos poucos a sua alma, ou assim se for possível, exprimir, os espaços mais recônditos do seu “ser”. (CORREIA, 2016).

Além do uso de metáforas, o melancólico possui uma consciência voltada à perda,

[...] demonstra um olhar experimentado na morte é própria do sujeito melancólico, porque ele “tende a buscar fora de si a confirmação de seu estado em objetos lutuosos e cenários desoladores”. Essa tendência ocorre em virtude do sentimento aguçado de transitoriedade das coisas sentido pelo melancólico e que é expresso nos poemas em que as imagens de ruínas se fazem presentes.(CAMILO, 2005, p 295 apud FROTA, 2012, p.15).

No ano de 2019, utilizo a linguagem da fotografia para desenvolver um trabalho artístico, a escolha do meio se dá através das possibilidades existentes na linguagem, de possuir a capacidade de ser metafórica, campo onde os melancólicos buscam se expressar. Correia exemplifica tal fato quando discorre através da ideia de signo, o observador pode percorrer a imagem por possibilitar um reconhecimento fácil, no entanto, ela vela o seu significado, sendo necessário buscar e compreender as metáforas presentes na imagem.

Na disciplina de Fotografia do segundo período, através de algumas “provocações”, desenvolvo uma série fotográfica com o tema “Deslocamento”, o qual

poderia ser abordado de inúmeras maneiras, podendo ter um significado de locomoção, mudança, transferência, etc.

Sendo natural de Jaraguá, cidade do interior de Goiás, a 120km de Goiânia, vivi por 18 anos nessa pacata cidade, mas me mudei para a capital em 2015, para fazer minha primeira graduação. Moro no mesmo bairro em Goiânia desde que me mudei para a cidade, ou seja, há quase 8 anos resido o mesmo território, ao realizar a série fotográfica haviam se passado 4 anos, no entanto, nunca desenvolvi um sentimento de pertencimento e nunca cheguei a me afeiçoar pela rua, bairro e cidade, portanto nunca desenvolvi um vínculo afetivo e emocional. Ao realizar o trabalho, me desloquei por diversas ruas do meu bairro, a Vila Itatiaia, passando pela Rua R-10, R-11, R-12, R-13, R-14, R-15, etc, visitando tais lugares como um estrangeiro e as fotografando. Todas as fotos foram tiradas com o mesmo enquadramento e buscando focar na mesma linha de horizonte, com isso, o resultado das fotos dão a impressão de que é apenas a mesma rua, trabalhando uma ideia de repetição e de perda de sentido.





Imagem 2 – Sem título – 2019, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Bairro fundado nos anos 70, que possui atualmente milhares de habitantes, grande fluxo de pessoas e automóveis, devido ao Campus Samambaia, se torna um ambiente estático, onde não existe movimento, não existe uma pessoa nas ruas, um automóvel passando, um movimento das árvores, absolutamente nada. Através da metáfora, transpareço um espaço para me comunicar, espaço este contigo em meu ser, metáfora parecida com a do poema *A cidade no mar* de Edgar Allan Poe, através dos registros, o bairro se torna um ambiente sem vida, o qual confirmo meu estado interno, podendo assim, um ambiente que nunca me senti pertencente, ser transformado em algo desolado, o qual consigo me conectar.

Ainda com a mesma atitude melancólica de confirmar o meu estado no mundo exterior, desenvolvo outro ensaio fotográfico, este ainda nos meus arredores, no Campus Samambaia. O Campus, construído na região norte da cidade entre os anos de 1968 e 1986, passou por diversos processos de expansão e desenvolvimento, nos dias atuais já está totalmente estabelecido, tendo um fluxo constante de pessoas. A UFG tem cerca de vinte mil (20000) estudantes, além disso, transitam diariamente pelo campus, funcionários, técnicos, moradores de Goiânia, etc. Desde que entrei na UFG, no ano de 2015, sempre transitei pelo

Samambaia, além das aulas, eventos e palestras, a faculdade era um ponto de encontro também com amigos, portanto se tornou uma segunda casa pra mim.

No entanto, no início de 2020, com o avanço da COVID-19 no Brasil e no mundo, as portas da UFG foram fechadas, em primeiro momento por 15 dias, para avaliarem o avanço da doença e caso fosse necessário, continuarmos sem aula. O que acreditávamos se tornar 15 dias, se tornaram anos, ficamos sem aula por cerca de 6 meses, até ser implementado o Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Para este ensaio fotográfico, que foi apresentado posteriormente na matéria de Fotografia na Arte, percorro os caminhos da memória,

é definida como uma espécie de ideia, que, ao reaparecer na mente, conserva um grau considerável de vivacidade primitiva, sendo algo intermédio entre impressão e idéia, duas espécies distintas às quais se reduzem todas as percepções humanas. (OLIVEIRA, 2011, p 15 ).

Através da fotografia, ferramenta criada com o objetivo de registrar e guardar momentos, visitei locais frequentados por mim em diversos anos no Campus, o ponto de ônibus próximo ao Restaurante Universitário (RU), o pátio das Letras, o beco da FAV, os bancos atrás do Centro de aulas Caraíba (CAC), o banco próximo a Faculdade de Ed. Física e Dança (FEFD), etc.





Imagem 3 – Sem título – 2020, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Locais repletos de memórias, conversas com amigos, momentos de contemplação e solitude, que no entanto, em 2020 se tornaram totalmente vazios, não apenas estes locais, mas o Campus Samambaia inteiro possuía um sentimento melancólico, de ruína, de abandono, algo apocalíptico.

## 2.2. Ser para se odiar

Poema retirado do livro *As vantagens de ser invisível* - Stephen Chbosky

Em uma folha de papel amarelo com linhas verdes

ele escreveu um poema

E o intitulou "Chops"

porque era o nome de seu cão

E era o que estava em toda parte

E seu professor lhe deu um A

e uma estrela dourada

E sua mãe o abraçou à porta da cozinha

e leu o poema para as tias

Era o ano em que o padre Tracy

levava todas as crianças ao zoológico

E ele deixou que cantassem no ônibus

E sua irmãzinha tinha nascido

com unhas minúsculas e nenhum cabelo  
E sua mãe e seu pai se beijavam tanto  
E a garota da esquina mandou para ele  
um cartão de Dia dos Namorados assinado com vários X  
e ele teve de perguntar ao pai o que significa X  
E seu pai deixou que ele dormisse na sua cama à noite  
E era sempre lá que ele dormia  
Em uma folha de papel com linhas azuis  
ele escreveu um poema  
E o intitulou "Outono"  
porque era o nome da estação  
E era o que estava em toda parte  
E seu professor lhe deu um A  
e o pediu para escrever com mais clareza  
E sua mãe não o abraçou à porta da cozinha  
por causa da pintura nova  
E as crianças disseram a ele  
que o padre Tracy fumava cigarros  
E largava as guimbas no banco da igreja  
E às vezes elas faziam buracos  
Que era o ano de sua irmã usar óculos  
com lentes grossas e armação preta  
E a garota da esquina riu  
quando ele pediu para ver Papai Noel  
E os garotos perguntaram por que  
a mãe e o pai se beijavam tanto  
E seu pai não o cobria mais na cama à noite  
E seu pai ficou furioso  
quando ele chorou por isso  
Em um pedaço de papel de seu caderno  
ele escreveu um poema  
E o intitulou "Inocência: Uma Questão"  
porque a questão era sobre uma garota  
E isso estava em toda parte  
E seu professor lhe deu um A  
e um olhar muito estranho  
E sua mãe não o abraçou à porta da cozinha  
porque ele nunca o mostrou a ela  
Foi o primeiro ano depois da morte do padre Tracy  
E ele esqueceu como terminava

o Creio em Deus Pai  
 E ele pegou a irmã  
 se agarrando na varanda dos fundos  
 E sua mãe e seu pai nunca se beijavam  
 nem mesmo conversavam  
 E a garota da esquina  
 usava maquiagem demais  
 O que fez ele tossir quando a beijou  
 mas ele a beijou mesmo assim  
 porque era a coisa certa a fazer  
 E às três da manhã ele se aninhou na cama  
 seu pai roncava alto  
 É por isso que no verso de uma folha de papel pardo  
 ele tentou outro poema  
 E o intitulou “Absolutamente Nada”  
 Porque era o que estava em toda parte  
 E ele se deu um A  
 e um corte em cada maldito pulso  
 E se encostou na porta do banheiro  
 porque nessa hora ele não pensou  
 que poderia alcançar a cozinha.

Início esta segunda partição a respeito da minha produção com este poema de Stephen Chbosky, no livro *As vantagens de ser invisível*, o protagonista Charlie o recita para Patrick durante uma celebração de Natal, segundo ele, o autor é desconhecido, porém Bob, um de seus amigos, afirma ser um bilhete suicida. O livro e o poema me impactaram profundamente, não apenas por ser uma nota suicida, mas sim por passar por diversos momentos da vida do autor, atravessando seus momentos de paz e felicidade, seus momentos melancólicos de outono, suas questões morais, até por fim, tudo se resumir em: absolutamente nada, até por fim, a autodestruição.

Portanto, os trabalhos desenvolvidos a seguir surgem através dessa característica melancólica, não exatamente a autodestruição, mas sim a autorecriminação e autopunição, que segundo Freud, são características da melancolia.

Na série fotográfica, passo a reunir palavras que já me foram ditas por diferentes pessoas em determinados momentos da minha vida, direcionadas como

formas de insultos, palavras que me machucaram de formas variadas, como: desapegado, carente, tímido, chato, lerdo, babaca e doido. Assim, utilizo meu corpo como suporte, escrevendo-as em determinadas partes do meu ser, buscando uma relação entre o textual com o corpo.

As fotos foram tiradas em um estúdio em dois dias diferentes, contei com a ajuda de vários amigos para chegar ao resultado final, a inspiração para a fonte das letras veio das antigas máquinas de datilografar, as quais tive contato quando era criança e ficaram marcadas na minha memória. As palavras foram escritas diretamente na pele com uma caneta nanquim e foram realizadas centenas de fotos, as quais selecionei e editei.





Imagem 4 – Sem título – 2019, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Além disso, no trabalho existe um jogo entre meus Eu's, uma luta sádica, entre o meu Eu que atravessa memórias ruins e decide as "tatuar" no meu corpo e o meu Eu usado de suporte, aguentando o peso de tal ação.

Ademais, essa série fotográfica realizada em 2019 marca o começo de minhas experimentações utilizando o meu próprio corpo, sendo um ponto inicial para autorretratos e as vídeo performances a seguir.

Além das fotografias onde busco uma forma de punição, adentro a linguagem da performance e realizo algumas poucas experimentações em vídeo performance, ambos relacionados ao meu Eu sádico melancólico que explora os limites físicos do meu corpo, a quantidade de dor suportada e também os limites mentais, não só meus, mas do espectador.

Para as minhas performances, tenho como referência a performer Marina Abramovic, artista sérvia, uma das performers pioneiras, trabalhando o corpo enquanto obra de arte,

usa o próprio corpo como sujeito e objeto, tema e meio de expressão com a proposta de explorar artisticamente os limites físicos e os potenciais mentais do ser humano, sendo conhecida por se colocar em condições performáticas extremas. Explora os seus limites físicos e mentais, suportando a dor, a exaustão

e o perigo, com performance, som, fotografia, vídeo, escultura.(BORTOLUZZI; BIANCALANA, 2018, p. 05).

Além da performer Marina Abramovic, tenho como referência para as minhas performances o Grupo EmpreZa, coletivo artístico fundado em 2001 por professores e alunos da Faculdade de Artes Visuais, que possuem uma produção política, trabalhando o embate do corpo com aquilo que o rodeia, “É interesse do grupo explorar a relação do corpo do performer com outros corpos e outros materiais, assim esse corpo, muitas vezes, é colocado em seu limite, podendo experimentar estados de dor, desconforto e crise.” (SANTOS, 2017, p.23).

Como primeiro experimento, inspirado em trabalhos de Marina Abramovic, como *Rhythm 10* (1973), em que a artista usa 20 facas e gravadores de fita, jogando o jogo da Rússia, onde pega uma faca e realiza movimentos rápidos, espetando a faca entre os dedos,

Cada vez que a artista se cortava, ela pegava uma nova faca da fileira de 20. Depois de cortar-se 20 vezes, ela respondeu a fita, ouviu os sons, e tentou repetir os mesmos movimentos, tentando reproduzir os erros, mesclando passado e presente. Neste trabalho, a artista explora as limitações físicas e mentais do corpo - a dor e os sons do esfaqueamento, os sons da história e da replicação. (RIBEIRO 2014, p. 2 apud BORTOLUZZI; BIANCALANA, 2018, p. 03).



Imagem 5 - Marina Abramovic. *Rhythm*. 1973. Registro de performance.

Decido explorar a quantidade de dor que o meu corpo era capaz de suportar ao mesmo tempo que utilizo de um técnica utilizada no BDSM (bondage, discipline,

sadism, masochism), cera quente de velas gotejando na pele, adentrando o sadismo satisfatório dos melancólicos.

A vídeo performance, que foi realizada no ano de 2019 dentro do meu banheiro e filmada por um amigo, contou com o uso de diversas velas. No começo eram acendidas de uma em uma, depois duas em duas, até chegar em cerca de 4 de uma vez, as quais passaram de um apetrecho que pode gerar prazer para objetos que machucavam completamente a pele, me queimando várias e várias vezes, lutando a cada gota de cera para não encerrar a performance.



Imagem 6 – Sem título – 2019, registros de performance. Fonte: Acervo pessoal.

Utilizando das características melancólicas, a ambivalência e o sadismo satisfatório como impulsionador do meu processo criativo, realizei outra experimentação em performance no ano de 2021, baseada em uma referência do Grupo EmpreZa, a obra Antropofagia, realizada em 2005. A performance consiste em dois empregados uniformizados, onde um deles permanece em pé, parado, enquanto o outro tenta comer o seu cabelo. Trabalho um tanto quanto perturbador, que testa os limites físicos entre os performers, um deles forçado a lutar contra a

repulsa e vontade de vomitar, enquanto o outro luta em permanecer parado com a situação incômoda.



Imagem 7 - Grupo EmpreZa. Antropofagia. 2015. Registro de performance.

Para a minha tarefa, me visto de branco e preto, calça de alfaiataria, camiseta lisa básica, uniformizado quase como um empregário, acompanha-me na performance um copo de água e um prato branco, com uma quantia significativa de cabelo nele. O cabelo que deixei crescer por cerca de 5 anos e cortei durante o período da pandemia, permaneceu guardado por alguns meses, até que encontrei uma finalidade para tal. A partir daí, tento ingerir um objeto que já foi fonte de amor e pertenceu a mim mesmo, mas que se perdeu ao longo dos anos.



Imagem 8 – Sem título – 2021, registros de performance. Fonte: Acervo pessoal.

A performance dura cerca de 1 minuto, e se encerra quando chego no meu limite, quando estou lacrimejando e lutando fortemente contra a repulsa, no momento onde é impossível forçar mais cabelo goela adentro e quando a minha garganta já está totalmente machucada e doendo.

### 3. DESVANECER

Como observamos no último capítulo, minha produção artística atravessa diferentes visualidades e temas, possuindo características melancólicas que são impulsionadoras do fazer artístico e que ao mesmo tempo, criam relações entre os diversos trabalhos. Já nesta segunda parte da pesquisa, ainda irei abordar as minhas produções artísticas, as quais estarão relacionadas a característica melancólica: o exílio. No entanto, apesar de serem atreladas a tal característica, o desvanecer não é apenas a característica visual do meu trabalho, ou uma tentativa metafórica de desaparecer dentro da fotografia, o desvanecer também se refere a melancolia, o estado que aos poucos irá se dissipar.

Os trabalhos que serão apresentados a seguir, são uma metáfora para o ímpeto melancólico de olhar para si mesmo, para dentro do próprio Eu, e também uma busca de encontrar algo que se foi perdido, algo que nunca soube exatamente o quê.

A série fotográfica a seguir foi realizada no ano de 2019, apesar de ser algo bem inicial e experimental, o trabalho me marcou profundamente, não só por ser o primeiro trabalho que realizei em fotografia, mas também por ser a primeira produção artística onde consegui expressar algo que sinto, mesmo que bem indistinto para a época e que só fui compreender anos depois ao estudar sobre a melancolia.

O trabalho foi realizado no ateliê de fotografia da Faculdade de Artes Visuais (FAV), no processo contei com a participação de diversos colegas de sala, uma câmera digital, um tripé e dois (2) feixes de luz. O objetivo das fotografias foi explorar as sombras, criando diferentes visualidades, seres fantasmagóricos através do direcionamento dos feixes de luz nos corpos humanos e captando suas sombras em uma sala fechada, com pouca iluminação através da longa exposição.

A ideia para se explorar as sombras vem inicialmente a partir da etimologia da palavra fotografia, a palavra vem do grego *phosgraphein*, formada a partir da junção de dois elementos: *phos* ou *photo*, que significa luz, e *graphein*, que quer dizer “marcar”, “desenhar” ou “registrar”, portanto, fotografia, ou seja, *phosgraphein* significa marcar a luz, registrar a luz ou desenhar na luz. A luz sempre esteve presente para se registrar os objetos, portanto a luz sempre possuiu maior destaque,

meu trabalho buscava observar e compreender as sombras, dando o seu merecido destaque, pois onde existe luz, existem sombras.



Imagem 9 – Sem título – 2019, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Com o resultado das fotografias, inquietações despertaram em meu ser, as quais relaciono a inquietação trabalhada por Freud. Em seu trabalho lançado originalmente em 1918, o psicanalista relata a análise de um adulto neurótico, cuja doença se originou numa psicose infantil instalada aos três anos e meio, que por sua vez teria derivado de perturbações sexuais no segundo ano de vida.

Na obra temos um capítulo dedicado a estética do Inquietante, onde Freud analisa a razão de tal sentimento, inicialmente abordando o significado dado a palavra ao longo do tempo, *Unheimlich*, que é o contrário de heimlich, que significa familiar, portanto, a palavra é acompanhada do prefixo negativo “un”, ou seja, o não familiar. Para o autor, tal definição é incompleta e segue em busca de esclarecer o conceito da palavra em outras línguas, a que mais desperta interesse é a do autor Schelling, onde é inquietante, *unheimlich*, é tudo que deveria permanecer secreto, oculto, mas que apareceu. Para Freud, “[...] o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar...” (FREUD, 1919, p.331).

A minha inquietação são como várias sombras, impregnadas no fundo do meu ser e alma, como sussurros em meus ouvidos ou a angústia causada por

pesadelos frequentes que são sempre esquecidos ao acordar, sombras bastante conhecidas e familiares, que deveriam permanecer secretas, que rastejavam sob a minha pele esperando a oportunidade apropriada para se libertarem, sombras impregnadas a melancolia, que me fizeram ter um ímpeto constante de olhar para o meu próprio Eu, e ao mesmo tempo, que buscam tomar conta do meu ser.

Tais sombras passam a fazer parte do meu inventário artístico e através do fazer, acabam por desempenhar um papel importante nas minhas produções artísticas, segundo Cecília Salles em *O Gesto Inacabado: processo de criação artística*,

Durante o ato criador, diversas novas formas aparecem, muitas vezes uma metamorfose de formas que já existem, podendo ser do próprio artista, [...] O “novo” é uma metamorfose de formas já existentes, inclusive do próprio artista. O “novo” é uma inflexão de uma forma anterior; a novidade é, portanto, sempre uma variação do passado. (SALLES, 1998 p. 112).

Ainda em sua obra, Salles discorre sobre o jogo de realidade e ficção realizado pelos artistas, onde em suas produções podemos notar fragmentos de sua realidade e história, relatos pessoais, impressões e diversas outras influências do mundo externo (SALLES, 1998, p. 101-104).

Através do meu jogo de realidade e ficção desenvolvi uma nova série fotográfica, onde os fragmentos da minha realidade e história são envoltos pelas sombras melancólicas, que tomam formas plásticas em minhas fotografias.

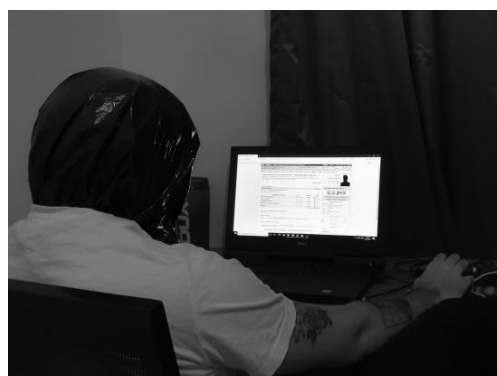




Imagem 10 – Sem título – 2020, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

As fotografias foram realizadas em 2020, então além dos meus sentimentos melancólicos cotidianos, estava inserido no contexto da pandemia da COVID-19, sendo assim, também possuía um misto de tristeza, agonia, ansiedade, tédio, entre outros. Salles deixa claro que o artista não é um ser isolado, ele está inserido em um tempo e ambiente, os quais marcam a sua história, cultura, modo de pensar e agir, construindo diversas características que irão afetar seu processo artístico, portanto tal contexto afeta diretamente os meus trabalhos. (SALLES, 1998, p 37-41)

Isolado meses no interior da minha casa, o ensaio acaba “ganhando” tal visualidade, todos autorretratos são realizados no meu lar, utilizei de um tripé, câmera fotográfica e um saco de lixo, objeto que foi colocado na minha cabeça como metáfora para representar os meus sentimentos. No ensaio realizei e representei tarefas comuns, como estar dormindo, estudando, lendo, cozinhando, passando tempo, etc, ações estas que eram repetidas, dia após dia, semana após semana, mês após mês, sem pausa ou novidade alguma.

Além da metáfora para os meus sentimentos, meu trabalho cria um jogo entre o olhar interior, sobre o eu, meus sentimentos, minha casa e a falta de identidade causada pelo saco de lixo, considerando a pandemia, todas as pessoas passaram

por momentos difíceis, presos em casa, com diversas angústias, estas que podem se relacionar as minhas fotografias.

Ainda em 2020, meus sentimentos passam por diversas agitações, transformações, metamorfoses e conseqüentemente acabam por afetar a minha produção, sinto que nesse momento desenvolvi diversos trabalhos e possuo um repertório do que quero e preciso explorar, definitivamente um dos temas importantes são as sombras da melancolia, estas que sempre estiveram presentes de alguma forma, mas também, através do último trabalho desenvolvido, busco entender a minha identidade na fotografia.

Sendo assim, a artista norte-americana Francesca Woodman, grande referência artística para mim desde os primeiros períodos do curso, passa a ter uma grande importância nos meus próximos trabalhos, tanto visualmente quanto conceitualmente.

Woodman desenvolveu em seu curto período de vida mais de 800 auto retratos, os quais eram performances e experimentações pensadas para a fotografia, explorando frequentemente em seus cenários os limites da representatividade, seu corpo está sempre lá, no entanto pode estar “camuflado” em meio ao cenário, inserido de alguma forma nele, saindo do enquadramento da fotografia, às vezes recortado, escondido ou se transformando em um vulto, um fantasma no espaço através do movimento ou longa exposição do obturador.

Além disso, a artista desenvolveu consistentemente séries fotográficas, muitas explorando os conceitos de diferença e repetição, utilizando diversas vezes de características melancólicas em seus trabalhos, como o uso de metáforas,

Francesca fala através das suas fotografias a partir de novos pactos simbólicos, como se criasse seu próprio sistema de comunicação. Nas duas imagens, os corpos e os objetos, deslocados de suas funções estabelecidas, ganham significados particulares. (GALLO, 2015, p. 21).

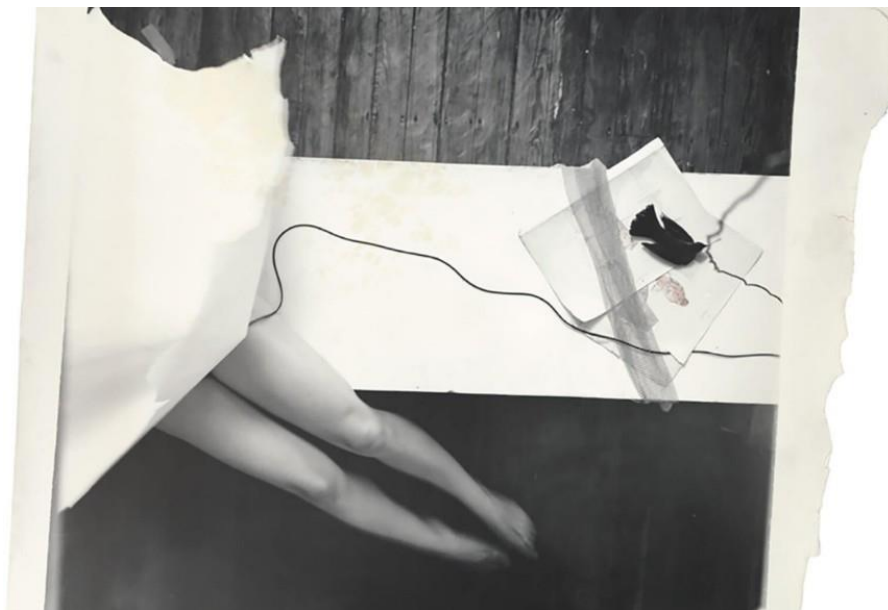


Imagem 11 – Francesca Woodman. Sem título. 1978. Impressão em prata coloidal.  
99x111cm.

Francesca Woodman questionava o seu corpo na fotografia, “Eu estou na fotografia? Eu estou dentro ou fora dela? Eu posso ser um fantasma, um animal ou um corpo morto, não apenas uma garota parada em um canto...” (ALANSO, 2007). Da mesma forma que a artista, me questiono o que eu posso ser na fotografia, o quanto posso não ser eu, o quanto posso ser além de mim, se posso ser um vulto, uma sombra, uma parte do ambiente, ou simplesmente um nada. A partir de então, busquei colocar este pensamento em prática na minha produção artística, decidi experimentar as possibilidades da minha identidade e do meu corpo no ambiente, desenvolvendo a seguinte série fotográfica:

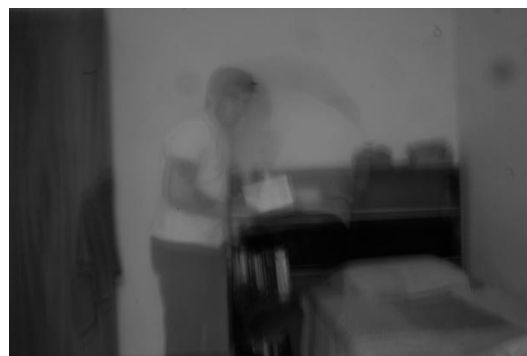




Imagem 12 – Sem título – 2020, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Através de um tripé e câmera fotográfica, com o uso da longa exposição me capturei vagando por diversos ambientes da minha casa, sou uma sombra na cozinha, um corpo sem vida no chão do meu quarto, um vulto entre as cortinas e um fantasma se encarando no espelho. Nas fotografias me misturo visualmente com o ambiente, não apenas por combinar o uso de cores ao meu redor, mas também por ser uma figura deslocada e sem vida, como qualquer outro objeto. Além disso, a imagem fotográfica final já não encontra mais correspondência na realidade, pois o corpo que existia ali ao pressionar o obturador, em algum momento foi deslocado e deixou de existir naquele cenário. Sendo assim passo a questionar também o que é real ou não na minha fotografia.

Após adentrar tais questões, confesso que entrei em um estado bem melancólico de desânimo, o qual foi alimentado pela pandemia da COVID-19 e que durou um bom tempo, o segundo bimestre de 2020 e o primeiro bimestre de 2021, onde busquei refúgio e entrei em um estado eremita para conseguir lidar com todos meus sentimentos. Durante esse período de quase um ano deixei de lado toda a minha produção fotográfica, investigando questões que não eram dedicadas ao meu ser, uma forma de respiro.

Apesar disso, continuei consumindo diversas referências artísticas de diferentes linguagens, cinema, quadrinhos, performance, música, literatura, entre outros, as quais agregaram muito para o meu desenvolvimento, sendo fundamentais para o meu desenvolvimento artístico, mas também pessoal. Dentre diversos artistas, filmes, quadrinhos, mangás, músicas, é essencial citar dois, o filme *A Ghost Story* (2017) do diretor David Lowery e o mangá *Oyasumi Punpun* (2007-2013) de Inio Asano.

*A Ghost Story* (2017) é um filme introspectivo, que narra a história de um casal, estrelado por Rooney Mara e Casey Affleck, que tem seu amor interrompido pela morte do marido (C), o qual retorna como um fantasma, da forma mais estereotipada, um lençol sobre um corpo, apesar disso, o filme acompanha a jornada passiva desse fantasma, que está preso a sua casa, observando a vida de sua viúva como um *voyeur*.



Imagem 13 – David Lowery. *A Ghost Story*. 2017.

Através disso, o diretor atravessa nossas percepções de tempo, vida, morte, luto, angústia, raiva, solidão e melancolia. Na obra podemos observar a contraposição entre o luto e a melancolia, onde a personagem interpretada por Mara sabe o que perdeu e sofre por isso, no entanto o fantasma apesar de ter perdido a sua vida, perdeu algo além disso, o qual não sabe exatamente o que é, sendo obrigado a permanecer em seu exílio, onde o tempo se desfaz cronologicamente, observando a vida da sua mulher, o passado naquele local e também o futuro

apocalíptico, até encontrar um bilhete misterioso em um vão da parede que o liberta do seu estado.

Já a obra de Asano, *Oyasumi Punpun*, me marcou profundamente, nela é narrada a vida de um garoto, que é representado pela figura de um pássaro, em diferentes etapas da sua vida, passando pela sua infância inocente em uma família conturbada, sua adolescência e seus problemas de autoestima e sua vida adulta marcada por inseguranças e questões existenciais.

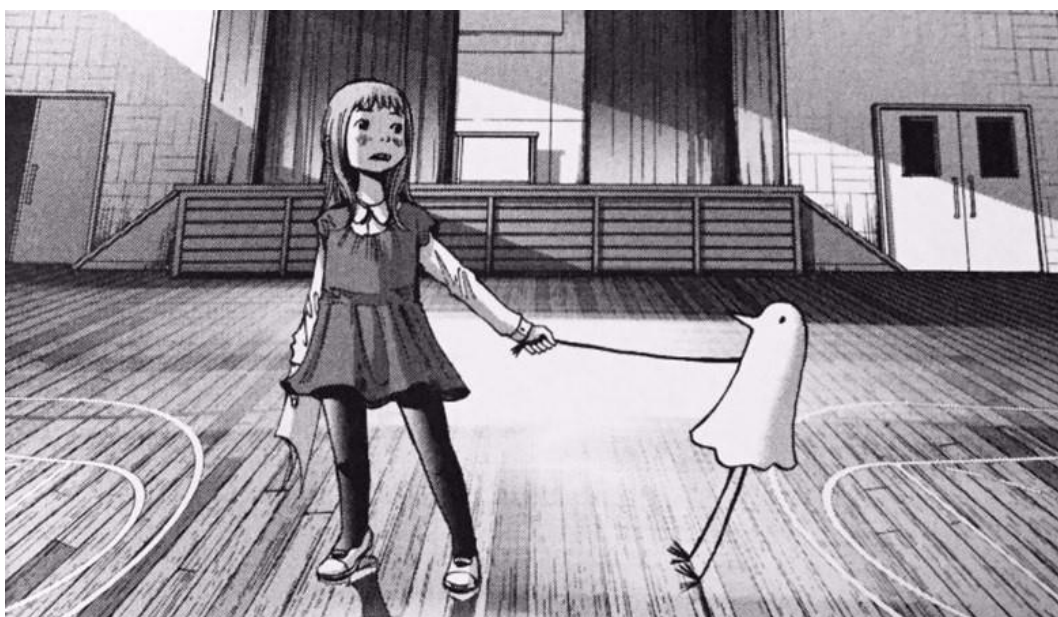


Imagem 14 – Inio Asano. *Oyasumi Punpun*. 2007-2013.

O mangá possui diversos exageros e bizarrices, no entanto seu enredo nos entrega uma história de vida com um realismo brutal e sem moralismos, abordando diversos aspectos psicológicos, físicos e sociais. É um trabalho denso que trata de temas como depressão, autoestima, violência, e diversas outras discussões do mundo contemporâneo. Me identifiquei muito com o personagem em diversos momentos, sentindo a flor da pele todas as suas questões, como por exemplo, após todos acontecimentos, sua vontade de desaparecer como um fantasma.

Observei a melancolia por diferentes olhos através das duas obras, quais suas causas, e quais seus finais, através disso refleti bastante sobre os meus sentimentos, a minha melancolia e amadureci bastante, o que permitiu que as minhas últimas questões e pensamentos possuíssem um ambiente para crescer e tomar novas formas. Portanto, na segunda metade de 2021, voltei a utilizar a fotografia para produzir artisticamente, encarando as minhas questões relacionadas

a melancolia, solidão e angústia. Apesar de visualmente ser parecido, nesse novo trabalho, *O jogo das sombras*, não busco apenas entender e experimentar a minha identidade e corpo no espaço, busco desta vez não existir, deixar de ser real e ser algo além disso, um exílio metafórico que busco alcançar.

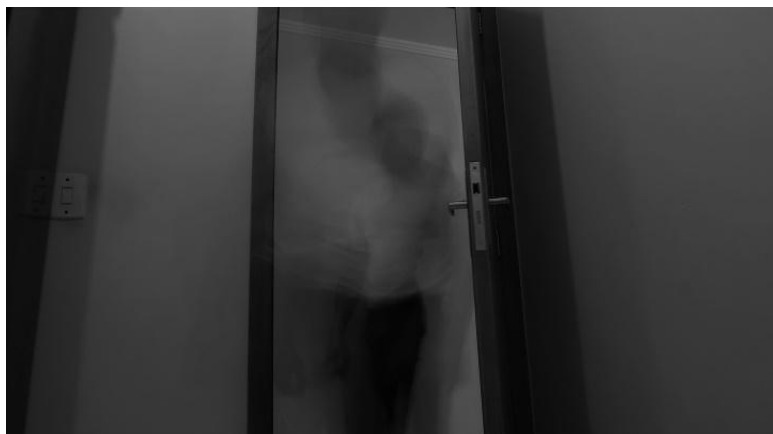




Imagem 15 – *O jogo das sombras* – 2021, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

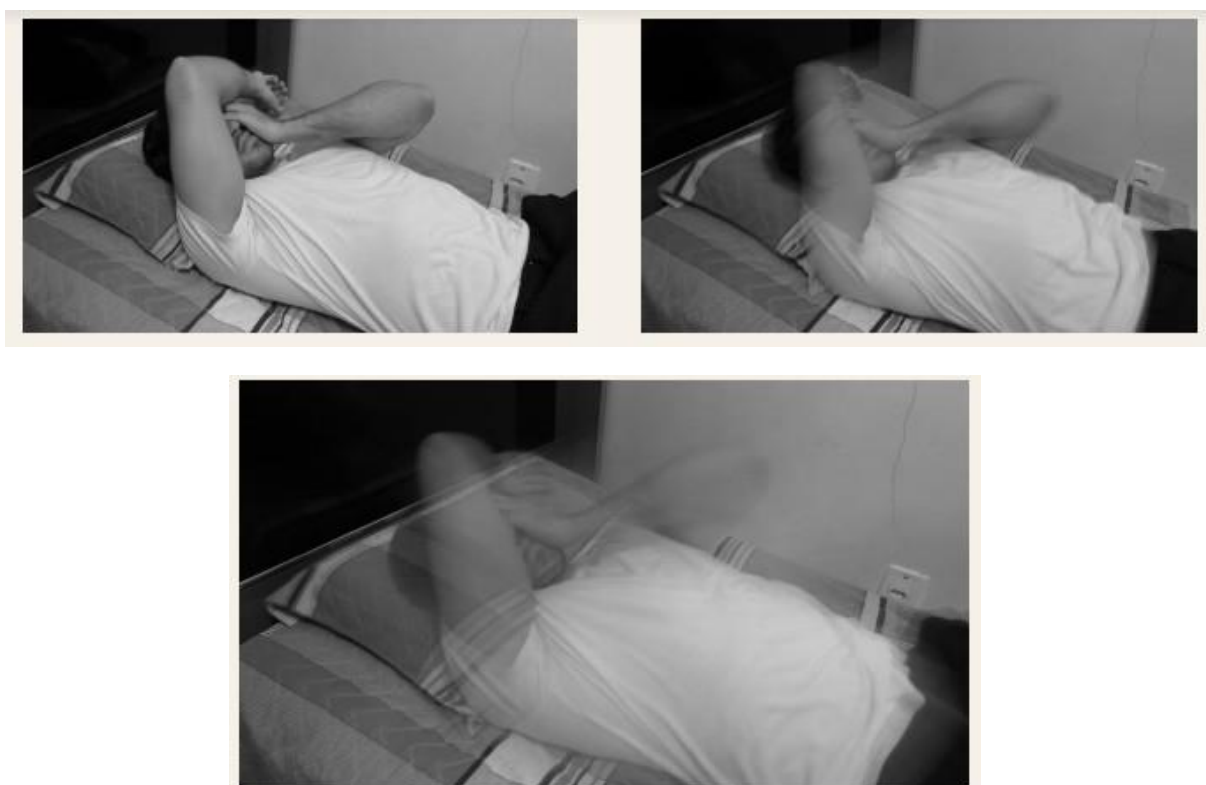
Correia aborda o exílio através das citações de Chauí e Pigeaud, o primeiro discorre sobre o melancólico se despedir do mundo real para adentrar a sua essência, “O melancólico desintegra-se lentamente, se despedindo do mundo dos objetos para adentrar o mundo das ideias, das coisas como elas são em si mesmas, sua própria essência ou o conhecimento do ser.” (CHAUÍ, 2002, p.210 apud CORREIA, 2016, p.49), já Pigeaud discorre a respeito da motivação para tal ato, para ele “[...] A viagem do melancólico para o íntimo não possui apenas uma causa, mas reúne uma sucessão de razões que culminam em seu estado final, seu projeto: suprir sua falta - a qual ele jamais logrará sucesso, por razão de sua natureza, já que ele está preso no continuum.(PIGEAUD, 2009, p.151 apud CORREIA, 2016, p.49).

Nos trabalhos realizados dentro da minha casa com o auxílio de um tripé e câmera fotográfica, busquei me despedir do mundo real, desintegrando e transformando-me em um vulto para adentrar a minha essência, buscando suprir a minha falta por algo que não sei o que é.

Através do trabalho *O jogo das sombras*, sinto que estou próximo de suprir a minha falta e motivado a desenvolver outro trabalho com a mesma temática, segundo Salles, “o artista, impulsionado a vencer o desafio, sai em busca da satisfação de sua necessidade. Ele é seduzido pela concretização desse desejo que, por ser operante, o leva a ação” (SALLES, 1998, p.29), Sendo assim, sou impelido a criar outra série fotográfica, chamada *Desvanecer*, dividida em 3 atos.

Para o trabalho experimento diversas fotografias, alterando o seu tempo de exposição, a cada foto vou aumentando mais e mais o tempo em que o obturador captura as imagens, através disso e dos meus movimentos, vou me desvanecendo mais e mais, até não ser mais uma figura humana e me tornar parte do meu ambiente.

No primeiro ato, *Desvanecer I* e *Desvanecer II*, sou retratado em minha cama e no chão do meu quarto, respectivamente, no primeiro ato, estou deitado, me contorcendo como se vivesse um pesadelo, lutando a cada fotografia, até me transformar no próprio fantasma que me atormenta. Já no segundo ato, estou sentado no chão do meu quarto, refletindo sobre diversas coisas que me atormentam, momento rotineiro já na minha vida, mas através da fotografia, todos os meus pensamentos, o meu corpo e o meu próprio Eu passam a desaparecer.



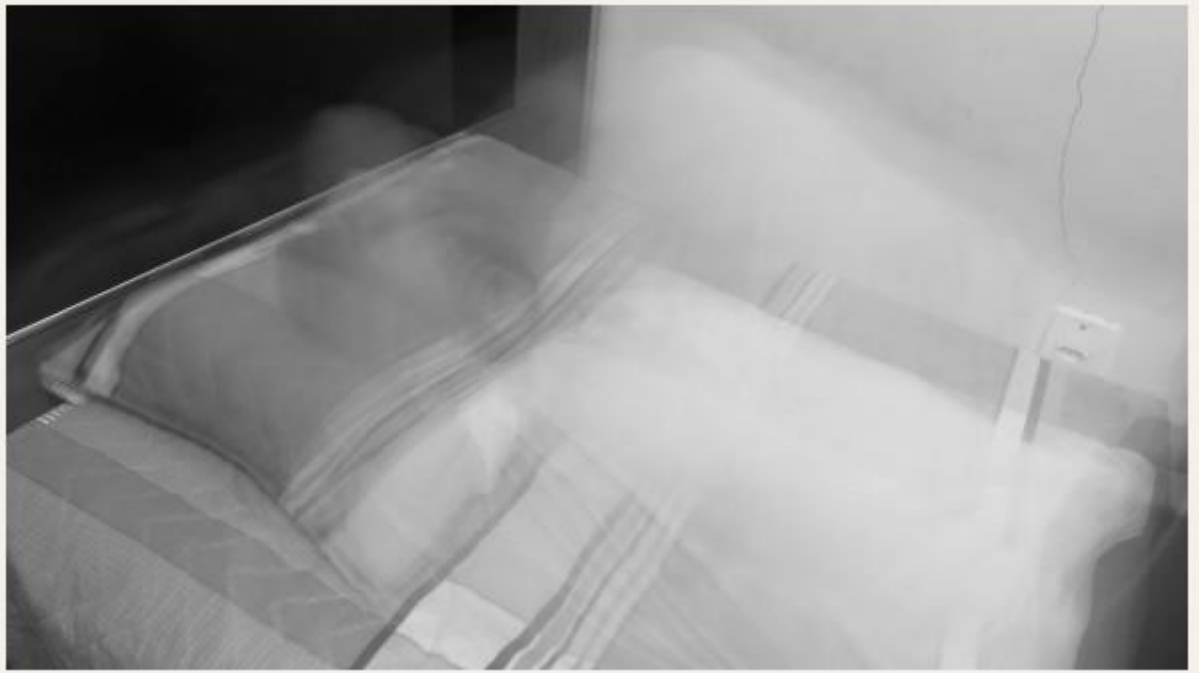


Imagem 16 – *Desvanecer I* – 2022, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.





Imagem 17 – *Desvanecer II* – 2022, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, no último ato da série fotográfica, apresento o meu Eu e o Eu refletido no espelho, segundo Correia “[...] O melancólico encontra no espelho sua “lupa” amplificadora de melancolias.” (CORREIA, 2016, p.11), através do meu reflexo, observo um mundo complexo existente, este o portador do meu estado melancólico.



Imagem 18 – *Desvanecer III* – 2022, fotografia digital, série fotográfica. Fonte: Acervo pessoal.

Ao me observar no espelho, consigo reconhecer o que está refletido além da minha imagem, reconheço a minha melancolia, e através das fotos, a minha própria imagem se retira do enquadramento, restando apenas o meu reflexo, desaparecendo a cada clique do obturador, se tornando uma mínima versão do que já foi, até deixar de existir.

Portanto, a partir da minha melancolia, encontro a cura para o estado, a melancolia pode ser entendida tanto como a causa e quanto também a cura, através do desvanecimento do meu reflexo, encerro o meu ciclo melancólico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver essa pesquisa representou, para mim, um grande passo. Sendo uma pessoa introvertida, foi necessária uma grande dose de coragem para me expor, falar sobre meus sentimentos pessoais e o meu estado melancólico. Além disso, a coragem para pesquisar assuntos complexos sobre outras áreas de conhecimento, a fim de enriquecer a minha produção artística;

A pesquisa tinha como objetivo compreender a minha produção artística e como a melancolia à atravessa, o que foi alcançado através de um (1) capítulo totalmente teórico sobre o estado, passando por diversos séculos, entendendo como a melancolia foi vista ao longo do tempo, além disso, foram necessários dois (2) capítulos sobre o meu fazer artístico e os meus trabalhos, investigando os meus comportamentos melancólicos. Entretanto, ao realizar o trabalho, posso notar o apontamento de diversos outros sentimentos, como a tristeza, solidão, angústia, entre outros, estes que podem vir a ser investigados no futuro.

Por fim, a pesquisa além de contribuir com o acervo sobre o tema, possui uma importância muito grande para mim, pois através dela fui capaz de entender a melancolia, que me aflige por diversos anos, dando finalmente um fim a este estado.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Lorena Muñoz. *The ghost of Francesca Woodman*. Self Selector, 2007.

Disponível em:

<<https://selfselector.co.uk/2007/03/16/the-ghost-of-francesca-woodman/>>. Acesso

em: 17 de agosto de 2022.

AMARAL, João Pedro Oliveira do Amaral; MICHAELSEN, Tatiana; Carlesso, Janaína Pereira Pretto. *Melancolia: Arte, Ciência e História no ocidente*. Santa Maria, Rio Grande do Sul, UFN, 2019.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: Problema XXX, 1*. São Paulo: Editora Lacerda, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BORTOLUZZI, Gilvani José; BIANCALANA, Gisela Reis. *A arte performática de Marina Abramovic: corpo e dor*. UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/35411/19611>>. Acesso em 14 de janeiro de 2023.

BURTON, Robert. *Anatomia da melancolia: volumes II, III, IV*. Tradução: Guilherme Gontijo Flores - Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

CHBOSKY, Stephen. *As vantagens de ser invisível*. Tradução de Hyta Vinagre, Ed. Rocco Vinagre. Rio de Janeiro, RJ, 2007.

CORREIA, Vrndavana Vilasine Laune. *Se você for embora: posturas melancólicas na obra fotográfica de Francesca Woodman e Bas Jan Ader*. Orientador: Prof. Dr. Samuel José Gilbert de Jesus. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2016.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* São Paulo. Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil*. Disponível em: <[https://ensino.ead.ufg.br/pluginfile.php/358810/mod\\_resource/content/1/O%20inqui etante.pdf](https://ensino.ead.ufg.br/pluginfile.php/358810/mod_resource/content/1/O%20inqui%20etante.pdf)> . Acesso em 23 de janeiro de 2023.

FROTA, Adolfo José de Souza. *Poesia da dor: luto e melancolia em Edgar Allan Poe e Carlos Drummond de Andrade*. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/661/607>> Acesso em: 22 de novembro de 2022.

GALLO, Marina Didier Nunes. *Francesca Woodman e o lugar de onde eu me olho*. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Farias Coutinho. Dissertação (PPG) - Artes Visuais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro. Depressão e melancolia*. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. *Fotografia e memória: a criação de passados*. PPG - Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011.

PEREIRA, Patrícia do Carmo; GUZZO, Raquel Souza Lobo. *Diferenças individuais: temperamento e personalidade; Importância da teoria*. Campinas, São Paulo: PUC, 2000.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado, 3 ed. Revista. São Paulo: Editora Globo, 1999, págs. 11-13, 45-46.

Roudinesco, E. & Plon, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de: V. Ribeiro & L. Magalhães. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado : processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SANTOS, Monique de Jesus Vieira Coelho dos. *Grupo Empreza: Processo de criação artística em coletividade*. Orientadora: Profa. Dra. Eliane Maria Chaud. Dissertação (Mestrado) - Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 2017.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORRES, Frederico Lopes Rodrigues. *Ajustes cardiovasculares e respiratórios do mergulho em apneia*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Rizzo Ramires. TCC (Graduação) – Curso de Esporte, Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Disponível em: <<http://www.aidabrasil.com.br/anterior/pdf/acrm.pdf>>. Acesso em 17 de agosto de 2022.

### **Imagens:**

Imagem 1 - DURER, Albrecht. *Melancolia I*. 1514. Gravura. 239 x 189mm. Disponível em: <<https://www.wga.hu/detail/d/durer/2/13/4/079.jpg>>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

Imagem 5 - ABRAMOVIC, Marina. *Rhythm*. 1973. Registro de performance. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/35411/19611>>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

Imagem 7 - Grupo Empreza. *Antropofagia* 2015. Performance. Disponível em: <<https://d2yzvs8qffn37r.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/06/31-1.jpg>>. Acesso em 29 de janeiro de 2023.

Imagem 11 - WOODMAN, Francesca. Sem título. 1978. Impressão em prata coloidal. 99 x 111cm. Disponível em:

<<https://mendeswooddm.com/content/photos/mdwdm-2016-08-17-16-34-16-600700.jpg>>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.

Imagem 13 - LOWERY, David. *A Ghost Story*. 2017. Recorte de filme. Disponível em: <<https://s2.glbimg.com/xcFEzg5r4xGtm6prF5kAjsqn0TA=/512x320/smart/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2020/07/04/rooney-mara-a-ghost-story.jpg>>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.

Imagem 14 - ASANO, Inio. *Oyasumi Punpun*. 2007-2013. Disponível em: <[https://sm.ign.com/ign\\_br/screenshot/default/img-797x4482018-11-25-14-53-24-37229\\_d3re.jpg](https://sm.ign.com/ign_br/screenshot/default/img-797x4482018-11-25-14-53-24-37229_d3re.jpg)>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.